

## A fauna brasileira

MAURÍCIO COELHO VIEIRA  
Geógrafo do CNG

### 1. INTRODUÇÃO

A fauna, segundo RUDOLF BARTH, “é uma função entre o genótipo “animal”, o seu passado paleontológico e o ambiente atual”.

De fato, os animais vivem em ambientes que correspondem às suas características físicas e instintivas. Devemos, pois, conhecer com exatidão as condições da vegetação, clima, geologia e geomorfologia para entendermos a fauna.

Na Brasil, além da grande extensão territorial e outras dificuldades de ordem técnica e material, faltam-nos dados e conhecimentos mais pormenorizados sobre nossas características físicas, dificultando, por conseguinte, a interpretação zoogeográfica.

Entretanto, considerando-se a vegetação como fator físico mais influente, pois os animais dependem direta ou indiretamente dela para a satisfação de suas necessidades alimentares, podemos chegar a algumas conclusões. Claro, que não alcançaremos resultados definitivos porque os estudos da vegetação brasileira ainda não foram totalmente dissecados, pelo menos no aspecto florístico. Todavia, levando-se em consideração nossa fitofisionomia, podemos agrupar a fauna brasileira em duas grandes regiões: a fauna das florestas e a fauna das regiões abertas.

As formações abertas têm sua maior extensão no chamado planalto central brasileiro, que *grosso modo* é circundado por formações arbóreas. De fato, em linhas gerais, a vegetação florestal no Brasil é mais ou menos contínua e circunda a região planaltina constituída de vegetação aberta, o que permitiu a WALLACE a consideração “ilha-planalto, cercada por terras baixas de florestas sempre verdes”.

A vegetação florestal do Brasil compreende a floresta trópico-equatorial, a floresta semidecídua tropical, a floresta subtropical com araucária e os mangues, enquanto à vegetação aberta pertencem o campo limpo, exclusivamente herbáceo e os tipos arbóreo-herbáceos ou intermediários; cerrado, caatinga, complexo do pantanal, praias, dunas e restingas.

Baseados no quadro fitofisionômico acima apresentado, chegaremos a um esboço sintético de nossa fauna, possibilitando-nos ao mesmo tempo as relações mais evidentes dos animais com o tipo de paisagem vegetal. Notaremos que, embora menos presos que os vegetais às condições ecológicas, os animais apesar de dotados de locomoção subordinam-se a determinadas influências físicas, mormente tipos de vegetação por exigências peculiares. Daí, ser lógico o estudo da fauna através de suas adaptações ao revestimento vegetal.

### 2. A FAUNA DAS FLORESTAS

#### 2.1 — *Floresta trópico-equatorial*

Embora diferentes na constituição florística, mas apresentando características fisionômicas que permitem semelhanças, gruparemos num só conjunto a floresta equatorial amazônica com sua subdivisão floresta de terra firme e de várzea, denominadas de Hiléia por HUMBOLDT, recobrando a Amazônia e as guianas mato-grossense e maranhense, a floresta atlântica, que acompanha o litoral brasileiro desde os limites do Rio Grande do Norte aos do Rio Grande do Sul e as florestas que recobrem o rio Paraná e seus afluentes pela margem esquerda.

As árvores apresentam folhas planas, pouco espessas e sempre verdes. Na floresta amazônica as espécies são altas e esguias devido à concorrência pela luz, ao passo que na floresta atlântica a diferença de níveis facilita o recebimento da luz, permitindo copas grandes e menor altura.

De modo geral, em tôdas prepondera uma vegetação intrincada e espessa onde há grande variedade de espécie, ao lado de cipós e epífitas. O adensamento de árvores forma vários estratos que protegem o solo da ação dos raios solares.

Das características acima, podemos estabelecer dois tipos de fauna com características distintas: uma arborícola, que vive nas árvores e raro desce ao solo e outra terrícola, no sub-bosque.

A fauna arborícola dessas florestas é constituída por macacos de vários tamanhos e tipos, preguiças e outros animais de pequeno porte, todos portadores de atributos ou qualidades indispensáveis à vida, como cauda prensora, garras aduncas, membranas ou ventosas nos dedos. Riquíssima é a avifauna, com espécies de tamanho e côres variadas. Araras, papagaios, tucanos, saíras e outros pássaros de gorjeio famoso, merecem citação.

Mosquitos, mósca e formigas aparecem em profusão, alguns inclusive vetores de endemias, como a febre amarela e a malária. A renovação constante das folhas é que exerce influência. Vivem nos dois meios.

Entre os animais da fauna terrícola salientam-se a anta e o porco-do-mato, ambos com características cuneiformes e corpo robusto e a onça, esta com capacidade de subir nas árvores.

Muito rica a fauna aquática, grande variedade de peixes destacando-se o pirarucu, peixe-boi, jacarés, tartarugas, etc.

## 2.2 — Floresta semidecídua tropical

Rica em espécies, que na estação sêca perdem total ou parcialmente as folhas. As árvores apresentam troncos finos e tamanhos variados, formando vários estratos. Os cipós e as epífitas aparecem em número reduzido.

Neste tipo florestal, o ambiente é úmido no verão, enquanto no inverno a luz solar atinge o solo, caracterizando todo o interior brasileiro.

A fauna semelhante à da floresta trópico-equatorial, apresenta menor número de insetos e a avifauna é menos rica. Os rios são geralmente piscosos.

## 2.3 — Floresta subtropical com araucária

A araucária (*Araucária angustifolia*) forma o estrato superior com folhas aciculiformes, distinguindo-se dos outros estratos de espécie latifoliadas. Tôdas as espécies se apresentam sempre verdes nessa formação não muito densa e de poucas epífitas e cipós.

São raros os macacos, mas numerosos os veados, lóbos, rapôsas e ofídios peçonhentos.

As aves são numerosas. A fauna fluvial também é bem significativa. Do sudeste de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

## 2.4 — Mangues

Vegetação halófila cujas árvores ou arbustos vivem nos solos lodosos que acompanham o litoral brasileiro.

Nas cavidades de lama e emaranhado de raízes, salientam-se os guaiamus, caranguejos, etc. Garças e aves pernaltas sôbre as árvores.

# 3. A FAUNA DAS REGIÕES ABERTAS

## 3.1 — Campos limpos

Refletem a insuficiência de precipitação ou natureza do solo. São formados por uma camada rasteira de ervas e subarbustos com predominância de gra-

míneas. Os campos limpos contam com uma fauna bem distinta da fauna das florestas. Bastaria lembrar a ausência de árvores e arbustos para compreendermos a constituição faunística.

No Brasil ocorrem no território de Roraima, ilha de Marajó, sudeste de Minas Gerais, Região Centro-Oeste, onde sobressaem os campos de Vacaria, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, merecendo realce a Campanha Gaúcha.

A ausência de obstáculos próprios que a vegetação florestal oferece aliada a outras condições ambientais, como baixo grau de umidade, temperaturas muito variáveis e excelente luminosidade são os fatores responsáveis pela sua fauna.

Aves corredoras como emas e seriemas refletem a adaptação a este ambiente de fácil locomoção, que o relevo suave lhes oferece, bem como a inexistência de árvores e arbustos.

Cervídeos e gafanhotos encontram na vegetação rasteira a sua subsistência, assim como coelhos e preás, que por sua vez motivam a presença de aves de rapina como corujas e gaviões.

Frequentes nos campos limpos são as formigas e cupins, responsáveis pelos amontoados de terra e verdadeiras "cidades" de termiteiros, concorrendo assim para a modificação da paisagem. São ainda comuns os tamanduás e raposas.

### 3.2 — *Cerrado*

Planalto Central com duas estações definidas: uma quente e chuvosa, outra fria e seca.

Apresenta uma camada rasteira de gramíneas e leguminosas, cuja continuidade não é interrompida pelas árvores retorcidas que compõem a camada superior e cuja distância uma das outras não impede a penetração dos raios solares.

Como se observa, a camada rasteira conta com fauna idêntica à dos campos limpos, ao passo que a camada arbórea possui pássaros.

Estudos recentes, revelam que há uma fauna endêmica correspondente a certas espécies endêmicas do cerrado, sobretudo lacertídeos.

### 3.3 — *Caatinga*

Árvores e arbustos mais ou menos espalhados, cujas folhas caem no período seco, época em que morrem as ervas.

Fauna constituída pelas mesmas espécies do cerrado e campos limpos, porém mais pobre, refletindo os efeitos da semi-aridez do clima do sertão nordestino.

### 3.4 — *Complexo do Pantanal*

Sudoeste de Mato Grosso. Grupamentos homogêneos de carandá, piri e paratudo, que são comunidades típicas do Pantanal. Entretanto, a fisionomia típica é a de cerrados, que juntamente com o conjunto de mata, campo limpo, vegetação aquática, etc. constitui um mosaico bem complexo de diferentes tipos de vegetação.

A fauna, conseqüentemente, é bem variada, refletindo a diversidade da flora.

Aves pernaltas, peixes, cervídeos, onças, porcos-do-mato e mosquitos, são os animais mais comuns.

### 3.5 — *Praias, dunas e restingas*

Terras planas, geralmente arenosas. Aves de plumagem vistosa não são comuns na restinga e sim as predadoras, mas existem pássaros de melodia sonora como o curió ou avinhado. Jaguarundi, gato-marajá, quati, cuíca, gambá são os quadrúpedes mais característicos.

#### 4. SIGNIFICADO DA FAUNA NA ECONOMIA BRASILEIRA

Apesar de não contarmos com estatísticas fidedignas, podemos afirmar que não é insignificante a contribuição de nossa fauna. Certamente poderia pesar consideravelmente na balança comercial se fôsse aproveitada de forma racional.

Tomando-se por base o estado de São Paulo, que em 1953 arrecadou quantia superior a um milhão de cruzeiros somente em impostos de taxas sobre caça, abatendo-se 242 474 animais selvagens e o seu movimento comercial, que no mesmo ano faturou Cr\$ 6 230 000,00 em peles de animais selvagens, pode-se ter uma idéia. E para reforçar o pensamento, lembramos o artigo de ANTÔNIO VIEIRA DE MELO intitulado "O contrabando de peles de jacaré", transcrito em *A Noite*, chamando a atenção das autoridades pelo que vem acontecendo na Amazônia em relação àquele comércio, com prejuízos para a economia da Região Norte e do país, criando ainda dificuldades para nossa indústria de bôlsas e peles.

Atualmente o Brasil atende a mais de metade do mercado internacional de pele de jacaré para a confecção de bôlsas e outros artefatos do gênero. O pior é que grande parte da exportação se faz através do contrabando, com prejuízos para o erário. E é bom lembrar que nossa indústria de bôlsas necessita dessa matéria-prima, tanto assim que o Sindicato da Indústria de Bôlsas e Peles de São Paulo, através de seu presidente BRUNO CASTELLANI, recorreu à Confederação das Indústrias daquele estado solicitando providências governamentais.

Transformado em bôlsas, teríamos maiores lucros, pois os estrangeiros não poderiam concorrer conosco pela falta de matéria-prima. Diga-se de passagem, o Brasil está confeccionando artigos de ótima qualidade e de raro acabamento como atestou a exposição de São Paulo. Devemos, pois, proteger nossa indústria e tomar medidas em relação à exportação. Assim, evitaremos colapso no ramo e sairemos mais recompensados.

A própria Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura, aumenta em 10% o valor censitário e acredita que os dados mais reais atinjam o dôbro. Assim poderíamos duplicar todos os dados sem medo, pois na vastidão do território brasileiro facilmente se diluem as medidas de fiscalização.

Estamos mencionando apenas o comércio de peles e couros de animais selvagens e o valor esportivo apresentado pela caça. Se analisada apenas sob estes dois aspectos nossa fauna é significativa, que diríamos se houvesse um aproveitamento racional? Certamente teríamos surpresas agradáveis. Já é bem significativo o valor do pirarucu, tartaruga, jacaré, etc.

#### 5. POTENCIAL

Excelente, mas para conseguirmos resultados compensadores precisamos de maior organização e amparo a estes recursos naturais. Racionalização em suma.

Devemos aproveitar estes recursos não apenas no sentido econômico e esportivo. E o valor zotécnico? Algumas espécies poderiam ser utilíssimas, pois apresentam graus de amansamento. É o caso das antas, caitetus, queixadas, veados, pacas, cutias, jacus, perdizes, inhambus, etc.

E os valores biológico (limitação de pragas) e científico?

Os animais selvagens nos são utilíssimos e por isso merecem proteção. A polinização e a disseminação das sementes dependem deles. Sem a colaboração dos animais, desapareceriam milhares de espécies vegetais. É verdade que há animais que dificultam a propagação de espécies vegetais, mas a natureza conta com outros animais que se encarregam de manter o equilíbrio.

Por isso, um indivíduo responsável pelo contrôla da fauna selvagem não pode ser simpatizante ou anti-simpatizante de determinada espécie. Só pode tomar medidas depois de conhecer toda a composição faunística e suas relações recíprocas. A proteção mal orientada ou mal executada pode causar enormes prejuízos. Urgem, pois, medidas mais cuidadosas em relação à nossa fauna para que ela possa representar realmente papel relevante no futuro do país.